

## FESTAS E ESPETÁCULOS AMBULANTES NO DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS, NO ÚLTIMO DECÉNIO DO SÉCULO XIX

Edimar Reni Anísio<sup>1</sup>  
 Daniel Venâncio de Oliveira Amaral<sup>2</sup>

Recebido em: 03/10/2023  
 Aprovado em: 19/09/2024

**Resumo:** Este artigo descreve e interpreta a história das diversões no distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida, no último decênio do século XIX, especialmente as diversões tradicionais e as condições econômicas que dificultaram ou favoreceram a introdução de inovações nos entretenimentos urbanos. Para a realização da pesquisa foi necessário realizar um esforço de reunir fragmentos de notícias que foram publicadas no principal periódico municipal da época, o *Gazeta de Oliveira* que posteriormente passou a se chamar *Gazeta de Minas*, combinado a isso, dados censitários do governo de Minas Gerais e registros de processos-crime. Ao final deste artigo, pretende-se mostrar que, apesar de carecer de incentivos estruturais, o distrito carmense, longe de ser um local triste, monótono ou sorumbático, possuía um ambiente lúdico repleto de festividades religiosas, cívicas e domiciliares, complementadas com companhias itinerantes que lá visitavam.

**Palavras-chave:** História; Lazer; Cultura; Carmo da Mata; Minas Gerais.

## FESTIVITIES AND TRAVELING SHOWS IN THE DISTRICT OF CARMO DA MATA, MINAS GERAIS, IN THE LAST DECENTRIUM OF THE 19TH CENTURY

**Abstract:** This article describes and interprets the history of amusements in the district of Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida, in the last decade of the 19th century, especially traditional entertainment and the economic conditions that hindered or favored the introduction of innovations in urban entertainment. To carry out the research, it was necessary to make an effort to gather fragments of news that were published in the main municipal newspaper at the time, the *Gazeta de Oliveira*, which became *Gazeta de Minas*, combined with census data from the government of Minas Gerais and records of criminal proceedings. At the end of this article, we intend to show that, despite lacking structural incentives, the district of carmense, far from

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Técnico Ambiental da Superintendência Regional de Meio Ambiente, Divinópolis, MG. E-mail: [edimatrix2000@yahoo.com.br](mailto:edimatrix2000@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5620-1897>.

<sup>2</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros, polo Januária. E-mail: [dvoamaral@gmail.com](mailto:dvoamaral@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3272-1174>.

being a sad, monotonous or gloomy place, had a playful environment full of religious, civic and domestic festivities, complemented by itinerant companies that visited there.

**Keywords:** History; Leisure; Culture; Carmo da Mata; Minas Gerais.

## **FIESTAS Y ESPECTACULOS ITINERANTES EN DISTRITO DE CARMO DA MATA, MINAS GERAIS, EN EL ULTIMO DECENTO DEL SIGLO XIX**

**Resumen:** Este artículo describe e interpreta la historia del entretenimiento en el distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida en la última década del siglo XIX, especialmente el entretenimiento tradicional y las condiciones económicas que obstaculizaron o favorecieron la introducción de innovaciones en el ámbito entretenimiento urbano. Para realizar la investigación fue necesario hacer un esfuerzo por recopilar fragmentos de noticias que se publicaban en el principal periódico municipal de la época, Gazeta de Oliveira, que luego se convirtió en Gazeta de Minas, combinados con datos censales del gobierno de Minas Gerais y actas de procesos penales. Al final de este artículo pretendemos mostrar que, a pesar de carecer de incentivos estructurales, el distrito carmense, lejos de ser un lugar triste, monótono o lúgubre, contaba con un ambiente lúdico lleno de festividades religiosas, cívicas y domésticas, complementadas con compañías ambulantes que visitaron allí.

**Palabras-clave:** Historia; Ocio; Cultura; Carmo da Mata; Minas Gerais.

### **Introdução**

Nos últimos anos podemos observar um bom número de publicações a respeito da história dos esportes e do lazer em Minas Gerais no período de transição dos séculos XIX e XX. Via de regra, as pesquisas contemplam cidades econômica e demograficamente mais dinâmicas, com destaque para os centros com maiores índices de urbanização, que por suas especificidades possibilitaram o surgimento e o desenvolvimento de várias modalidades de divertimentos. Assim, é natural que trabalhos sobre as cidades de Barbacena (SILVA, 2018), Belo Horizonte (MOTA, 2018), Campanha (NOGUEIRA JUNIOR, 2017), Diamantina (OLIVEIRA, 2016), Juiz de Fora (NAKAYAMA, 2016), Montes Claros (SILVA, 2012), Oliveira (AMARAL, 2020), Ouro Preto (BIBBÓ, 2017) e São João del Rei (LIMA, 2014) estejam entre eles.

Contribui também nesse sentido o fato de que as cidades mencionadas possuem alguma disponibilidade de fontes históricas, que além de diversificada, apresentam boas condições de preservação. Conforme nos alerta Cleber Dias, et. al. (2014), cidades menores do interior e distantes dos centros metropolitanos, no geral, oferecem obstáculos para rastreio e cotejamento

de fontes primárias, dado a manutenção precária dos arquivos. Neste cenário, para superação das dificuldades impostas pelo escasseamento de registros históricos em pequenas localidades da hinterlândia brasileira, cabe aos pesquisadores um “trabalho quase arqueológico” para elucidarem as problemáticas de pesquisa (AMARAL; XAVIER, 2023).

No caso mineiro, as pesquisas que tratam das transformações históricas do *modus vivend* na virada para o século passado estão concentradas na realidade de centros municipais ou de distritos que se emanciparam e se tornaram proeminentes em suas regiões. Apenas nos últimos anos tivemos a realização de pesquisas com análises referentes à questão do tempo livre nas menores e mais ruralizadas nucleações do estado. Um exemplo nessa direção é a pesquisa de Amaral, Anísio e Dias (2022), que analisou o nascimento de um mercado de diversões no distrito de Cláudio. Duas situações podem ajudar na compreensão do número reduzido de pesquisas acadêmicas com foco nos pequenos lugarejos. Primeiro, por dificuldades de acesso aos documentos, cuja escassez de registros preservados desencoraja tentativas investigativas. Segundo, por razões teóricas, posto que o lazer é frequentemente associado aos processos de urbanização e industrialização. Isto é, conforme usualmente é apontado, formas contemporâneas peculiares de uso e ocupação do tempo livre inexistiam em sociedades agrícolas e tradicionais (cf. DIAS, 2018).

Neste sentido, a pesquisa ora em tela pretende ampliar o escopo de estudos sobre a história do lazer em localidades pequenas, com baixa densidade demográfica e fortemente ruralizadas. Carmo da Mata se insere nessa categoria: um dos menores distritos de Minas Gerais no início do século passado, localizado na região do Oeste mineiro.

Para a realização da pesquisa foi necessário realizar um esforço de reunir fragmentos de notícias que foram publicadas no principal periódico municipal da época, o *Gazeta de Oliveira* que posteriormente passou a se chamar *Gazeta de Minas*, combinado a isso, dados censitários do governo de Minas Gerais e registros de processos-crime. Em linhas gerais, objetiva-se analisar a história das diversões no antigo distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida, no final do século XIX, especialmente o repertório lúdico tradicional e as condições econômicas que dificultaram ou favoreceram a introdução de inovações no campo dos entretenimentos urbanos.

## O distrito de Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida

No final do século XIX, a atual cidade de Carmo da Mata era um pequeno distrito vinculado ao município de Oliveira, denominado, na época, Nossa Senhora do Carmo da Mata da Ermida, cuja população, em 1890, segundo dados oficiais do poder público estadual, era de 2.250 moradores (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 40). Não é possível dimensionar com exatidão a divisão socioespacial ou a condição geopolítica do lugar. Vários questionamentos podem ser feitos, por exemplo: quantas construções haveria no núcleo citadino do distrito? Quantas propriedades rurais? E mais importante, como se distribuía a população entre esse pequeno núcleo urbano e suas áreas do campo?

A conformação política de Oliveira englobava, em sua composição, a cidade homônima, sede administrativa do município, além de outros cinco distritos, que se somavam ao de Carmo da Mata, sendo eles: São Francisco de Paula, Cláudio, Passa Tempo, Japão e Santana do Jacaré. Em 1890, o volume populacional dos distritos supracitados era, na seguinte ordem, 8.063, 5.076, 4.315, 3.759 e 1.616 moradores (MINAS GERAIS, v. II, 1926, p. 40).

Na jurisdição da cidade e dos distritos de Oliveira havia diversas povoações rurais, onde estavam concentradas as dinâmicas demográfica e de mão de obra. Isso por efeito do setor produtivo do município ser ancorado em uma economia agrícola e pastoril voltada para o abastecimento interno, e com a exportação de algum excedente para Pitangui, São João del-Rei, Ouro Preto, Sabará e Rio de Janeiro (GAZETA DE OLIVEIRA, 5 fev. 1888, p. 1).

Na cidade de Oliveira, por exemplo, com 10 (dez) povoações rurais nessa época, eram produzidos e exportados gêneros como toucinho, queijos, doces, açúcares, tecidos, além de uma pequena produção para abastecimento local que incluía, entre outras coisas, aguardente, licores, fumo, vinagre, azeite de mamona, café, arroz, milho, feijão, mandioca e batata (GAZETA DE OLIVEIRA, 8 abr. 1888, p. 1).

Em outro distrito municipal, mais detalhadamente, Cláudio, descrito pela imprensa oliveirense como “talvez o de mais comércio” (GAZETA DE OLIVEIRA, 8 mar. 1888, p.1), é possível encontrar referências de 22 (vinte e duas) povoações rurais, tendo o café como principal atividade econômica. Em 1894, registros de jornais do município falavam de uma “crescente prosperidade do plantio de café” em Claudio, o que era favorecido, nas palavras de um cronista anônimo, por “capoeirões esplêndidos em que o cafeeiro nada deixa invejar as terras roxas de São Paulo” (GAZETA DE OLIVEIRA, 29 abr. 1894, p. 1).

O distrito de Carmo da Mata abrigava 9 (nove) povoados rurais, que se distanciavam, no máximo, 18 quilômetros da sede distrital, sendo eles: Barreira, Batatal, Cachoeira Dias, Cachoeira dos Martins, Campos, Félix da Costa, Forquilha, Paiol e Riacho (MINAS GERAIS, v. III, 1926, p. 626). Sua economia era alicerçada, majoritariamente, pelo cultivo da terra e criação de gado. Seu solo, segundo informações da época, constituía-se de “terrenos ubérrimos”, de “excelente qualidade”, para a criação de gado, ovelhas, cabras e plantações de várias culturas, especialmente o café (GAZETA DE OLIVEIRA, 15 abr. 1894, p. 1).

No final da década de 1880, os fazendeiros de Carmo da Mata invernavam, anualmente, mais de 2.000 cabeças de gado, negociadas, após a engorda, nos grandes centros nacionais (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 fev. 1888, p. 2). No quesito produção de alimentos, as famílias carmenses cultivavam vários gêneros para consumo próprio, comercializando, sobremodo, aguardente e café em Oliveira e São João del-Rei (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 mai. 1890, p. 1).

Artigos de jornais diziam que na cidade e nos distritos de Oliveira “rara era a casa que não tinha sua própria horta” (GAZETA DE OLIVEIRA, 5 fev. 1888, p. 1). Na esteira de uma importante economia de subsistência, nessas casas havia o cultivo de couves, repolhos, cará, quiabo, inhame, taioba, chuchu, ervilhas, abóboras, rabanetes, nabos, cenouras e morangos. Havia também espaços para criação de porcos, cabritos, galinhas, perus e gado (GAZETA DE OLIVEIRA, 10 dez. 1899, p. 1).

Diante destes aspectos, a parte citadina de Carmo da Mata parecia servir como uma espécie de “entreponto” para o comércio dedicado ao atendimento dos moradores dos 9 (nove) povoados que compunham o distrito. Registros de viajantes e artigos de jornais produzidos sobre a vida social de Minas Gerais no século XIX, reiteram que a parte citadina de várias nucleações de estrutura urbana e demografia rarefeitas eram pouco movimentadas ao longo da semana, com comércios abrindo especialmente nos sábados e domingos, quando trabalhadores rurais se deslocavam das fazendas até o núcleo desses distritos para assistir missas, se abastecerem e tomar parte em outras atividades sociais (CUNHA, 2009).

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, por exemplo, com a autoridade de quem percorreu quase todas as regiões de Minas Gerais, em sua passagem por Araxá, por volta de 1819, explicitou uma espécie de característica “domingueira” das pequenas nucleações mineiras:

Durante a semana a maioria das casas de Araxá fica fechada. Seus donos só ali aparecem aos domingos, para assistirem à missa, passando o resto do tempo em suas fazendas. Só permanecem nas cidades, nos dias de semana, os artesãos – alguns dos quais bastante habilidosos – as pessoas sem profissão, alguns comerciantes e as prostitutas. O que acabo de dizer aqui pode ser aplicado a praticamente todos os arraiais de Província de Minas (apud CUNHA, 2009, p. 68).

Na parte urbana da cidade de Oliveira, em 1899, registros de jornais diziam que ora o centro citadino apresentava “o comércio parado, as ruas e os largos as moscas”, ora se assemelhava “a uma grande e populosa cidade”, o que é, conforme sugere Daniel Amaral (2020), um indício da sazonalidade que afetava a vida nessa localidade naquela época, ou seja, um certo marasmo durante a semana e um ambiente mais efervescente no final de semana.

Tal realidade também é percebida no distrito de São Francisco de Paula, próximo a Carmo da Mata. Segundo um correspondente, neste “pitoresco lugar” várias casas, inclusive as “melhores”, ficavam “fechadas” durante a semana: “são de propriedade dos fazendeiros que delas se utilizam em épocas e ocasiões de festas (GAZETA DE MINAS, 15 fev. 1914, p. 1).

Em outro registo, datado de 1914, na cidade de Dores do Indaiá, também circunvizinha a Carmo da Mata, as festividades do Rosário contribuíram para que as ruas centrais, “na maioria quietas ordinariamente”, ficassem, “em plena quinta feira, com cara de sábado”. Segundo foi noticiado:

[...] Todas as casas vazias da cidade estão alugadas para os dias da festa. Ouve-se o rufar de caixas e o “grunhir” das sanfonas, ao longe, pelos bairros.

Em casa dos festeiros que reboliço já existe! Os leitões e os frangos já foram sacrificados; latas e latas de doces emparelham-se coaguladas; garrafas de vinho e cerveja forma-se nas prateleiras improvisadas. E viva a festa! Viva o carnaval dos pretos!

Pelos altos da capela do Rosário, fervilha a multidão. [...] E chegam, a pé, a cavalo e em carros de bois, mais roceiros, roceiras e gentis roceirinhas. Caipiras, vermelhamente engravatados, montados em gordos cavalos arreados, com as caçambas areadas e os “coxonilhos” anilados, percorrem as ruas, azougando os corcéis, em piruetas macabras (GAZETA DE MINAS, 6 set. 1914, p. 2).

No início da década de 1890, funcionavam na sede carmense, entre outras coisas, uma agência dos correios, uma cadeia “em péssimo estado”, um cartório, um “chalet” que servia como hotel, além da Casa Comercial Barateza, de propriedade do destacado fazendeiro e comerciante Manoel Jorge Mattos, a qual, segundo propagandas, trazia do Rio de Janeiro “sortimentos” como “roupas, ferramentas, ferragens, louças, vestidos para moças, chapéus e casacas para cavalheiros” (GAZETA DE OLIVEIRA, 5 dez. 1888, p. 4). Este mesmo fazendeiro possuía ainda uma Olaria que produzia telhas, manilhas, tijolos e outros objetos de cerâmica (GAZETA DE OLIVEIRA, 6 mai. 1894, p. 1).

Em abril de 1890, com a inauguração de um ramal da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), foi possível uma pequena ampliação do comércio e da circulação de pessoas. A nova ferrovia, por meio do entroncamento com a Estrada de Ferro Central do Brasil, ligava o pequeno lugarejo ao Rio de Janeiro, maior e principal centro consumidor do Brasil.

A ferrovia chegou na região Oeste de Minas por São João del-Rei no ano de 1881, quando esta cidade recebeu uma estação da EFOM, processo que foi acompanhado de um “evento grandioso” que contou com a presença do Imperador Dom Pedro II. A região parecia ter potencial para desenvolvimento agrícola e agropastoril. Na verdade, como sugere Pablo Lima (2009), uma das motivações para construção da nova estrada de ferro relacionava-se, em grande medida, com possibilidades ou pretensões de incrementar o transporte de produtos agropecuários para o abastecimento das grandes cidades brasileiras.

Inicialmente, a chegada dos vagões da EFOM na região contribuiu para o desenvolvimento da economia rural, especialmente o ramo de exportação de gado. O primeiro trem com boiada deixou o município de Oliveira no dia 6 fev. 1889, sendo despachadas “120 rezes” (GAZETA DE OLIVEIRA, 10 fev. 1889, p. 2). A partir de 1891, passou a ser mais frequente na imprensa notícias sobre o embarque de boiadas, o que demonstra a importância do trem neste aspecto. Embora não tenhamos encontrado informações com relação ao cenário antes da chegada da ferrovia, fontes primárias falam de um crescimento do setor pastoril após a ligação com a capital fluminense (GAZETA DE OLIVEIRA, 17 jul. 1892, p. 1).

De acordo com pesquisas recentes, o volume médio de exportações de gado do município de Oliveira atingiu a cifra aproximada de 30 mil cabeças anuais contabilizadas entre os anos de 1892 e 1897, sendo este valor composto da soma do gado de todo o conjunto de nucleações municipais (AMARAL, 2020, p. 41).

Em contrapartida, a chegada da ferrovia vai coincidir com o fim da escravidão, processo que irá desarticular as relações de trabalho entre os fazendeiros e os libertos. Fontes da época nos asseguram que, em 1888, cerca de 25% da população da sede municipal era escravizada, realidade que pouco se difere dos demais distritos (GAZETA DE OLIVEIRA, 15 jan. 1888, p. 1).

Essa é uma questão sobre a qual muitos estudiosos se debruçam. A pesquisadora Ana Lúcia Lana (1986), por exemplo, traz à baila peculiaridades da transição do trabalho escravo para o trabalho livre, especificamente em Minas Gerais, que possuía um grande contingente de populações cativas na época. Segundo essa autora, diferentemente de São Paulo, localidade onde a imigração europeia proporcionou uma crescente e vertiginosa expansão das áreas cultiváveis, no caso mineiro a imigração não foi substancialmente alta, sendo presente a reivindicação de boas e eficazes leis de locação de serviços. Isso era reforçado pelo imaginário da época, que apregoava aos negros indolência e relutância às obrigações laborais nas lavouras.

O certo é que a supressão da escravidão parece ter desarticulado o setor agrícola da cidade e dos distritos de Oliveira. Na sede municipal, antes autossuficiente, cronistas passaram

a lamentar a decadência da lavoura e a necessidade de importar gêneros básicos de alimentação. Conforme relatou um cronista anônimo em janeiro de 1899:

Houve tempo em que Oliveira era próspero, florescente, animado e prometedor de um futuro brilhante. Tudo isso acabou e por uma razão muito simples: faltou-lhe o elemento principal, a lavoura que, digam o que disserem, foi, e há de ser, sempre o fator principal da riqueza de um povo [...].

Se, porém, fosse próspero o estado da lavoura ou, por outra, se a lavoura existisse entre nós, já o caso mudava de figura, porque ouro é o que ouro vale, e os produtos agrícolas dariam para tudo.

Desenganemo-nos, ou tratamos da lavoura e somos ricos e animados, ou continuamos como vamos e ficamos paupérrimos e o comércio morre (GAZETA DE OLIVEIRA, 29 jan. 1899, p. 1).

Com relação ao setor pecuário, principal gênero de comércio do distrito de Carmo da Mata, os anos finais do século XIX vieram com uma forte crise, provocando uma desvalorização do gado. Registros de jornais revelam que a exportação de gado para o mercado carioca manteve um forte declínio entre 1897 e 1900, mais precisamente, um recuo de 32% (GAZETA DE MINAS, 13 jan. 1901, p.1).

Na sede do município, os processos de crise dos setores agrícola e pastoril tiveram como efeito uma onda de falências. Daniel Amaral (2020) cita alguns dos estabelecimentos que fecharam suas portas no contexto da crise:

O Hotel do Cruzeiro, o Colégio Imaculada Conceição, o Colégio Oliveirense, a Fábrica de Cervejas D'Oeste, o Bazar Oliveirense, a Destilação Central de Oliveira, o Sanatório Oliveirense, o Estabelecimento Hidroterápico, o Atelier de Fotografia Artística, a Empresa Artística de Pintura e Douradura e os jornais A Pérola e A Gazetinha já não mais funcionavam na virada para o novo século (p. 41).

Tudo indica que o distrito carmense tenha, com suas peculiaridades, sentido os efeitos da crise. Isso é reforçado quando observamos, na segunda metade da década de 1890, a ausência de anúncios de novos estabelecimentos de comércio. Era comum os jornais darem destaque para inaugurações dessa natureza. A Casa da Barateza, a Olaria de cerâmica ou mesmo o “Chalet” que servia como hotel, foram todos inaugurados entre 1889 e 1895, recebendo grande destaque da imprensa oliveirense (cf., respectivamente, GAZETA DE OLIVEIRA, 9 dez. 1888, p. 4; GAZETA DE OLIVEIRA, 6 mai. 1894, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 16 nov. 1890, p. 2).

Nesse contexto, diante de uma população pequena, dispersa por 9 (nove) povoados rurais, instabilidade comercial dos setores rurais e relações de comércio bastante ancoradas na subsistência, percebe-se que não houve estímulos financeiros suficientes para fomentar melhoramentos citadinos na sede distrital, o que incluía espaços públicos ou estabelecimentos de comércio sintonizados com um desejo de progresso comportamental que afetava, na mesma época, setores das elites em várias outras regiões do Brasil (CORRÊA; DIAS, 2020).

Embora muitas capitais e cidades do interior do país já tivessem experimentado, no final do século XIX, intervenções de cunho modernizador na sua estrutura urbana e também no *modus vivend* de suas populações, essas inovações citadinas tardariam a chegar em Carmo da Mata. No Rio de Janeiro, por exemplo, cidade mais rica e capital federal na época, uma população maior e um ambiente mais urbanizado tornavam possível uma oferta de entretenimentos tidos por grupos abastados como mais modernos e sofisticados, podendo destacar, entre outras coisas, teatros, hipódromos, velódromos, pistas de patinação, boliches, cafés, confeitarias, jardim botânico e zoológico (SEVCENKO 1998, p.131-214).

No caso de Carmo da Mata, o distrito possuía uma estrutura urbana tímida, desprovida de calçamento, arborização, praça ajardinada, iluminação pública ou mesmo casas de espetáculos (cf. GAZETA DE OLIVEIRA, 5 fev. 1888, p. 1; GAZETA DE MINAS, 1 out. 1899, p. 1). Em razão, sobremodo, das dificuldades econômicas provocadas pelo cenário de crise dos setores rurais, empresários locais foram desestimulados a realizar investimentos em inovações no campo do entretenimento. Na mesma medida, setores públicos foram impactados negativamente com o comprometimento das arrecadações municipais em serviços entendidos naquele momento como de maiores prioridades. Ainda que entre os anos de 1893 e 1897 – período referente ao crescimento das exportações de gado – é possível perceber um crescimento das receitas de Oliveira em 25%, a Câmara Municipal precisou contrair empréstimos para realizar serviços de abastecimento domiciliar de água na cidade e nos distritos municipais (AMARAL, 2020).

A contratação de empréstimos para a aquisição de melhoramentos de maior urgência, como o abastecimento de água nas nucleações municipais, freou, em certa medida, investimentos públicos na promoção de serviços voltados para o lazer da população, engendrados por expectativas de refinamento dos hábitos urbanos. De outra parte, isso não significa dizer que o distrito de Carmo da Mata era um lugar triste, monótono ou sem atrações lúdicas para seus moradores. As opções de divertimentos estavam, em grande medida, ligadas às práticas mais tradicionais de festejos como festas religiosas, bailes particulares, eventos cívicos, inaugurações públicas, bares ou ainda tabernas, conforme veremos no próximo tópico.

### **Entre rezas e bebidas: um povo que gosta de comemorar**

Os festejos religiosos promovidos pela igreja católica configuravam-se como elemento primordial para a constituição de diversões entre os moradores de Carmo da Mata. O povo carmense sempre deu vivas mostras de sua religiosidade. O nome do distrito e as primeiras

capelas e oratórios particulares dedicados à Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, são indícios importantes nessa direção (CARVALHO, 2018, p.13).

Ao longo da última década do século XIX, é possível encontrar nos jornais de Oliveira diversos registros de festas religiosas em Carmo da Mata, ficando o distrito bastante movimentado nos dias santos em razão da presença dos moradores rurais e, não raras vezes, de visitantes das nucleações adjacentes. As principais festas aconteciam por ocasião da Semana Santa, do Mês de Maria e em homenagem ao Nosso Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião. Essas festas, via de regra, tinham como ponto central o Largo da Igreja da Matriz, e se estendiam por ruas e praças centrais, cujas manifestações de fé eram incrementadas com fogos, leilões, espetáculos de música e desfiles regados de comidas e bebidas.

Em abril de 1892, por exemplo, teve lugar no “singelo distrito” a celebração das procissões dos Passos e Dores, realizadas no calendário da Semana Santa. Segundo um cronista oliveirense, houve ali uma grande concorrência de fiéis, sendo a festa abrilhantada pela “Banda de Música da cidade de Itapecerica”:

Nos dias 3 e 4 do mês corrente, tiveram lugar, na freguesia de Carmo da Mata, a celebração das procissões dos Passos e das Dores, que fazem em épocas da Semana Santa. Havia grande concorrência de fiéis, o que assegura brilhantismo para a mesma festa. Se não fosse o tempo chuvoso, quando permitido o itinerário, a boa ordem e a iluminação que se faz acontecer nessas festas. Porém, muito embora esse contratempo inesperado a festa esteve pomposa por terem concorrido para isso a excelente banda de música da cidade de Itapecerica, que executou brilhantes sinfonias sacras. [...] As festas solenemente celebradas, a concorrência dos fiéis, as igrejas, e a visitação dos Passos, davam um caráter festivo e alegre aquela freguesia, que possui uma população laboriosa, hospitaleira e que mais uma vez deu provas dos seus sentimentos católicos e altamente devotados a verdadeira religião do Nazareno (GAZETA DE OLIVEIRA, 10 abr. 1892, p. 1).

Em outro registro, datado de fevereiro de 1897, a festa do Sagrado Coração de Jesus, mesmo sendo preparada com apenas um dia de antecedência, não deixou de ser “concorrida e animada”. O relato, englobando uma procissão e uma banda de música, nos permite dimensionar o alcance e a participação do povo na celebração:

Às 10 horas da manhã subiam pelo Largo da Matriz a excelente corporação musical “Lyra Carmelitana” dirigida pelo digno e responsável maestro Jonathas José Assunção composta de 10 músicos, todos fardados, por iniciativa do major Manoel Jorge de Matos, o qual acompanhava seu opulento e vistoso estandarte e executando bonitas peças do seu vasto repertório. Ao subir os foguetes, chegados a porta principal da Matriz houve a bênção do estandarte pelo padre Galdino Diniz entrando a missa em seguida. À tarde houve procissão da imagem do Sagrado Coração de Jesus percorrendo diversas ruas desta freguesia. [...] ao entrar a procissão, ocupou a tribuna sagrada o Revmo. Padre Galdino que mais uma vez patenteou a sua conhecida inteligência e robusta eloquência. Finalizando a festa com o “Te Deum Laudamus”. Dado esta pequena notícia apresento os meus cordeais parabéns a honrada corporação Lyra Carmelitana e faço votos ao seu Divino protetor Sagrado Coração de Jesus pela

sua prosperidade. Salve Lyra Carmelitana” (GAZETA DE OLIVEIRA, 7 fev. 1897, p. 3).

Além das festividades religiosas, dispostas ao longo do ano em um rico calendário litúrgico, com celebrações que envolviam diferentes santos católicos, reuniões familiares em casas particulares ou fazendas eram celebrados com jantares e bailes íntimos, permeados de muita música, comidas, refrescos e bebidas alcóolicas.

Podemos citar que, em outubro de 1892, por ocasião do consórcio da Sra. Brunildes Notini com o Sr. José Antônio, organizou-se uma linda cerimônia que contou com a participação da “excelente” banda de música de Carmo da Mata. Após o jantar “em que nada faltou”, tivemos a realização de um “pomposo” baile na casa dos noivos.

Em 1890, ou seja, dois anos antes, o batizado da “filhinha” do fazendeiro e comerciante Manoel Jorge de Mattos, chegou a contar com a reserva de um vagão da EFOM para o transporte de convidados da cidade de Oliveira. Conforme foi noticiado:

No dia 21 do corrente, recebeu as águas batismais com o nome de Catolina uma “mimosa criancinha” fruto do feliz e abençoado enlace matrimonial do nosso amigo Manoel Jorge de Mattos e Sra. Ambrosina de Mattos.

Para assistirem tal ato, Sr. Mattos convidou algumas famílias e diversas pessoas de sua amizade desta cidade, as quais se acharam presentes na cerimônia e bem assim a corporação musical de Oliveira que para maior brilhantismo deste ato concorreu espontaneamente.

Na chegada do trem que iam os convidados de Oliveira ao Carmo da Mata, a banda musical desta localidade, postada na plataforma da estação, exibia uma das melhores peças do seu repertório, os foguetes estrugiam nos ares e expansiva alegria se manifestava em todos.

Às cinco horas da tarde foi servido um lauto jantar ao qual tomaram parte perto de duzentas pessoas em mesas sucessivas, achando-se ali as pessoas mais gradas do Carmo da Mata.

Por essa ocasião foram erguidos muitos brindes, sendo saudados os oliveirenses que por seu turno brindaram os habitantes de Carmo da Mata.

Após o jantar, teve lugar a cerimônia batismal [...]. Em seguida começaram as danças que se prolongaram na melhor ordem, reinando grande alegria por parte de todos até às 4 e meia da madrugada, tendo sido interrompidas antes para ser servida uma profusa mesa de assados, a qual houve ainda muitos brindes.

Tocaram durante a festa, alternadamente, as duas bandas de música, a de Carmo da Mata e a de Oliveira.

O Sr. Manoel de Matos e sua senhora foram para seus convidados de uma amabilidade extrema, prodigalizando todos com o mais carinhoso afeto e cuidados (GAZETA DE OLIVEIRA, 24 ago. 1890, p. 2).

Para além de casamentos e batizados, o restabelecimento de saúde de algum enfermo também ilustra o rol de exemplos de confraternizações domiciliares. A recuperação de enfermos era considerada, muitas vezes, como algo “milagroso”, o que justificava a comoção e a grandeza dessas comemorações.

No último mês de 1891, por exemplo, tivemos a plena recuperação do Sr. Getúlio Gonçalves de Abreu Chaves, um “ilustre professor que dignamente rege a cadeira pública desta

freguesia". A cura de sua enfermidade foi muito festejada pelos amigos e alunos. Segundo foi noticiado, mesmo sentido "uma dor antraz" que o martirizava, suportou-a por ocasião dos exames escolares. O Sr. Getúlio Chaves também era muito benquisto no meio local pela iniciativa e esforço na conclusão das obras de reforma da Igreja Matriz (GAZETA DE OLIVEIRA, 27 dez. 1891, p. 3).

Comemorações em decorrência da visita de religiosos e autoridades ilustres, ou ainda o retorno de viagens de personalidades do distrito que partiam para outras localidades visando, entre outras coisas, estudo, aperfeiçoamento profissional e busca de melhorias do comércio local, era outra forma de realizar festividades no distrito carmense no final do século XIX. Podemos citar que, em junho de 1902, a chegada do bispo de Mariana, Sr. D. Silvério Gomes Pimenta, em visita pastoral ao distrito carmense, com o objetivo de crismar crianças e adultos, teve uma "recepção imponentíssima". Um correspondente de Carmo da Mata narrou a pomposidade das festas de acolhimento do visitante religioso:

A distância de três quilômetros foram esperar o Bispo de Mariana mais de cem cavaleiros, sendo recebido à entrada do arraial debaixo do palio e de cruz alcada, por mais de mil pessoas que em procissão o acompanharam até a igreja, onde fez oração e dali seguiu para a casa que lhe estava destinada.

Duas bandas de música fechavam a procissão [...].

A sua partida para o arraial de Claudio foi concorrida por uma enorme multidão de povo que aqui tem afluído também para ouvir a palavra dos reverendos missionários redentoristas (GAZETA DE MINAS, 8 jun. 1902, p. 2).

No bojo dessas festas e recepções, aconteciam também leilões que eram igualmente concorridos pelas pessoas do arraial. Em março de 1898, um relato jornalístico nos oferece a seguinte descrição: "por ordem do Agente Executivo, valendo-se do artigo 119 e 122 do estatuto municipal, ao meio-dia do 27 será levado à praça para ser arrematado a bem do evento um cavalo castanho pinhão de 6 anos de idade" (GAZETA DE OLIVEIRA, 20 mar. 1898, p. 2). O animal havia sido apreendido a 6 meses no pasto de um fazendeiro. Esses leilões acompanhavam os festejos religiosos, sendo realizados após o término das celebrações. A participação dos populares era notada, sobretudo, pela presença dos festeiros, ou seja, pessoas incumbidas de organizar as festividades.

O dinheiro recebido era direcionado aos religiosos locais para obras de caridade ou mesmo reformas da igreja. Os jornais da época, ao noticiarem estes acontecimentos, enfatizavam as qualidades "cristãs" dos habitantes. Para um maior "abrilhantamento" do evento, era possível contar com bailes íntimos, fogos de artifício e bandas de música:

Começaram a dias, como nós anunciamos, as rezas do mês de Maria, que tem continuado todas as noites com toda pompa e brilho e muito concorridas. Ao terminarem têm-se realizado as portas da igreja leilões, tocando a banda de música

habilmente dirigida pelo Sr. Roque da Silveira. A orquestra que se tem desempenhado brilhantemente é regida com toda competência e saber pelo Sr. Major Cornélio E. de Castro e acompanhada no órgão pelo nosso colega Olympio de Castro (GAZETA DE OLIVEIRA, 14 mai. 1899, p. 2).

Comemorações de importantes datas cívicas locais e nacionais, empreendidas e patrocinadas pelo poder público carmense, contando sempre com a participação de grupos abastados como fazendeiros e políticos da região que financiavam sua organização, também proporcionavam bons momentos de diversão para a população distrital.

Em março de 1894, por exemplo, na vitória das forças legais contra revoltosos da armada nacional, o recém-eleito vereador por Carmo da Mata, o “importante negociante” Manoel Jorge de Mattos, após a confirmação da notícia, pediu que estourassem profusos fogos de artifício (GAZETA DE OLIVEIRA, 18 mar. 1894, p. 2). À noite, reuniu-se a “adiantada” corporação musical por iniciativa do seu digno diretor, Sr. Honório Dias e acompanhada de grande curso de povo, levando à frente o glorioso pavilhão da república brasileira, organizou-se uma passeata pelas ruas centrais do distrito. Um cronista anônimo narrou da seguinte forma o desfecho da festa:

Ao som de brilhantes marchas executadas pela banda de música e ao espocar de inúmeros foguetes, continuou a passeata dando vivas a república [...]  
Daí seguiram para a casa do vereador Manoel de Matos, onde o mesmo ofereceu a todos um profuso copo de água, sendo brindadas as autoridades legais, a instrução pública, o comércio, a lavoura, etc. (GAZETA DE OLIVEIRA, 18 mar. 1894, p. 2).

A inauguração de melhoramentos públicos capazes de afetar a vida dos carmenses também eram acompanhadas de pomposas festividades enriquecidas com música, comidas, bebidas, desfiles e bailes.

Em julho de 1900, por ocasião da inauguração da água potável na sede distrital, a Câmara de Oliveira ofereceu um faustoso repertório de atrações:

No “florescente e futuroso” distrito tal acontecimento foi muito festejado não apenas pela sua classe política, como também por toda a população. Na festa de inauguração, que não poderia ser mais brilhante nem menos solene, o povo carmense pôde celebrar aquele “faustoso acontecimento”. Às 17 horas o reverendíssimo padre Geraldo Galdino abençoou a caixa d’água dentro de um respeitoso silêncio. Após pronunciar a bênção, a banda Euterpe Carmelitana executou o hino nacional. Partiram então os moradores, precedidos da banda para o chafariz da matriz. Tomando então a palavra, fez um pronunciamento o Capitão José Antônio Ferreira, posteriormente falou o Major João Alves de Oliveira, congratulando aos representantes do município de Oliveira pelo melhoramento no distrito.

Inaugurando a obra, convidou o digno cidadão Capitão José Afonso Rodrigues que bebeu o primeiro copo d’água.

Em seguida saiu o povo, sempre precedido pela banda de música, e em passeata pelas ruas do poético arraial, sendo durante o trajeto saudados diversos cidadãos [...].

Na elegante e confortável moradia deste último cavalheiro foi servido um profuso copo de cerveja e outras bebidas finas, organizando-se depois uma soirée dançante que se prolongou animadíssima até o alvorecer do dia, sendo que a meia noite as

danças foram interrompidas para que fosse servido aos convidados um magnífico chá, acompanhado de finíssimos e variados biscoitos. (GAZETA DE MINAS, 15 jul. 1900, p.3).

Como era usual, as notas jornalísticas, notadamente, registravam festas públicas e particulares, enfatizando a participação das famílias ricas e socialmente prestigiadas do lugar. Contudo, grupos de classes menos abastadas estavam presentes ou mesmo organizavam seus próprios momentos de diversão. Em Juiz de Fora, a historiadora Marina Nakayama (2016), analisando processos-crime, identificou vários episódios desenrolados em festas religiosas, bailes, batuques, pagodes e sambas promovidos nos distritos e nas povoações rurais da cidade. No distrito carmense, de maneira semelhante, documentos do fórum de Oliveira, depositados nos Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes, nos permite encontrar ocorrências de grupos populares em tabernas e festividades de diferentes naturezas.

Em setembro de 1896, por exemplo, o lavrador Antônio Vicentino, de 20 anos, foi acusado de agredir Carlos José com um “cacete”, ferindo-o gravemente na cabeça. Os dois se encontravam dançando em uma festa na sede distrital, quando ocorreu a desinteligência entre os envolvidos. Segundo as testemunhas, o motivo do crime teria sido o ciúme do acusado pela sua mulher, que goza, conforme a ocorrência, de “má reputação” (AHCRA, Loc. 37, 1896, p. 42).

Já em maio de 1904, o lavrador Manoel Joaquim Pinto, de 29 anos, achava-se, na madrugada do dia 9, nas ruas centrais de Carmo da Mata, acompanhando uma serenata. Quando terminou o evento festivo, o lavrador, voltando para sua casa, foi surpreendentemente agredido pelos acusados Modesto Antônio Brasileiro, Mariano Vicente Roque, João Gonçalves da Silveira Júnior e “Dionísio de Tal” sem motivo algum. Contudo, em que pese a acusação, o Juiz de Direito, pela falta de provas, julgou improcedente o processo (AHCRA, Loc. 52, 1904, p. 56).

Em mais outro registro, dessa vez na noite de 26 de outubro de 1912, o Sr. Romualdo Luiz Ferreira, em decorrência do consumo exagerado de álcool na taberna de Onofre Ribeiro de Castro, discutiu com João Gonçalves da Silva e Antônio Gonçalves da Silveira. A contenda se deu devido a um jogo em que participavam. João e Antônio discutiram e ofenderam a Romualdo que se retirou do local, mas foi seguido por João Gonçalves que lhe deu um tiro de garrucha. Antônio também desferiu pauladas no ofendido. O caso foi apresentado a justiça e acabou com a absolvição dos envolvidos pelo júri (AHCRA, Loc. 52, 1912, p.).

Em todos os casos citados acima, entrevemos formas cotidianas de diversões e momentos festivos de ocupação do tempo livre, que envolvem não apenas pessoas das classes mais abastadas do distrito, senão também trabalhadores e moradores das comunidades rurais.

### **As diversões itinerantes que visitaram o distrito**

Os divertimentos tradicionais, já discutidos no tópico anterior, tais como festas domésticas, religiosas, cívicas, inaugurações de obras públicas e estabelecimentos de vendas de bebidas alcóolicas, eram os principais responsáveis pelas distrações no distrito de Carmo da Mata no final do século XIX. Numa tentativa de ampliar o rol de diversões da pitoresca nucleação, companhias itinerantes pareciam se configurar como possibilidades privilegiadas de consumo de espetáculos entendidos pelas elites locais como mais modernos e sofisticados. Tratava-se de grupos especializados na promoção de espetáculos de teatro, circo, bonecos automáticos, prestidigitação, touradas ou ainda cinematógrafo.

Existe uma crescente bibliografia que se especializou no estudo dessas modalidades de divertimentos ambulantes que abrangeram todo o país (para alguns exemplos, ver HORTA, 2018; MELO, 2017; SOUZA, 2004). Tais estudos analisam, especialmente, como se deram, como influenciaram e de quais maneiras ocorreram as interações dessas companhias nas regiões que receberam turnês artísticas.

No caso mais específico de Minas Gerais, a historiadora circense, Regina Horta (2018), ao descrever e analisar a presença de companhias itinerantes no interior mineiro no século XIX, nos oferece duas perspectivas importantes para a compreensão da circularidade desses grupos.

A primeira é a presença, sobremaneira dos circos, nas épocas de estio, em “qualquer arraial”. Ou seja, empresários do ramo do entretenimento itinerante, advindos de outras partes do Brasil e mesmo de outros países, poderiam, em algum momento, desembarcar com suas atrações nas pequenas nucleações situadas nos recônditos mineiros. Já a segunda diz respeito ao aspecto de modernidade e progresso comportamental incrustado nestes espetáculos artísticos. Nas palavras de Regina Horta: “A chegada de companhias de espetáculos transformava o cotidiano com inovações, notícias, hábitos e modas de outros lugares” (p. 107-108).

No Oeste de Minas, onde estava localizado o distrito de Carmo da Mata, existe um rol expressivo de companhias itinerantes que visitaram a região. Conforme é possível extrair de anúncios de espetáculos, algumas companhias contavam com artistas internacionais ou artistas brasileiros que já haviam se apresentado em grandes centros nacionais e de outros países.

Em 1894, por exemplo, um anúncio do Circo Pery & Coelho, em excursão pelo Oeste mineiro, explicitou essa intensa mobilidade dos grupos artísticos:

O laureado artista Pery, que se tem exibido não apenas nas mais adiantadas cidades da república como em diversas da Europa onde tem colhido os mais vibrantes louros e triunfos na arte de que é mestre, apresentou-nos uma troupe, que por seu conjunto, habilidades e aptidões artísticas satisfazem plenamente as zonas que ora torneia (GAZETA DE OLIVEIRA, 6 mai. 1894, p. 1).

Em sentido parecido, a violinista italiana Giulietta Dionesi, após espetáculos em diferentes pontos da Europa, viajou para o continente americano, desembarcando em terras brasileiras. Nove anos antes de excursionar por diversas localidades do Oeste mineiro, isto é, em 1889, conforme veremos mais adiante, a “prodigiosa criança” estava em Portugal, mais precisamente, na cidade de Lisboa, onde realizou seu último espetáculo antes de partir para o novo mundo. Conforme narrou o jornal português *Correio da Manhã*:

A distinta violinista Giulietta Gionesi, voltou do Porto e das principais cidades do Norte, onde obteve numerosos e justíssimos aplausos. Vai dar um concerto de despedida em seu benefício, nas salas da Academia Musical de Lisboa, na Rua Nova do Carmo 21, na noite de sábado.

Giulietta sairá desta cidade com destino a América no dia 22 (CORREIO DA MANHÃ, 4 mai. 1889, p. 1).

A inauguração de uma ampla teia de ramais da Estrada de Ferro Oeste de Minas, na região homônima, nas duas décadas finais do século 19, parece ter contribuído positivamente para que lugares, antes de difícil acesso, pudessem agora ser incluídos em uma espécie de “pequeno circuito de comercialização do lazer” (AMARAL; DIAS, 2017, p. 251).

As companhias ambulantes, valendo-se das facilidades do transporte ferroviário que, entre outras coisas, era mais econômico, seguro, previsível e rápido, puderam transportar, com mais conforto e agilidade, a equipe artística, pavilhões, materiais de cenário e demais instrumentos de trabalho (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2021).

Várias estações ferroviárias foram inauguradas no período na região do Oeste mineiro, com destaque para Oliveira (1889), Carmo da Mata (1890), Espírito Santo do Itapecerica (1890) e Gonçalves Ferreira (1890), sendo esta última apenas 10 quilômetros de um importante distrito: Cláudio. Não é por outra razão que incursões históricas realizadas recentemente por Rosana Xavier, Daniel Amaral e Cleber Dias (2019) revelam que, na década de 1890, após a interiorização dos trilhos da EFOM, o número de circos excursionando pelo Oeste mineiro triplicou.

É importante salientar que antes da proliferação de ramais ferroviários, companhias itinerantes já se faziam presentes no interior de Minas Gerais (HORTA, 2018). É provável que essas companhias promoviam suas turnês aventurando-se por estradas precárias, que

conectavam os municípios, utilizando-se para isso de carroças tracionadas por cavalos, bois ou tropas de mulas. Este tipo de transporte era mais caro, lento e inseguro, estando sujeito a todo tipo de imprevistos como enchentes, secas, estradas enlameadas, inconclusas ou mesmo assaltos (XAVIER; AMARAL; DIAS, 2019).

Em Carmo da Mata, o primeiro relato de uma companhia ambulante que temos notícia, é do Teatro de Bonecos do Sr. Alexandre Apparício, que visitou a pequena nucleação em novembro de 1892, no curso de uma turnê pela região Oeste do estado, tendo se apresentando, dois meses antes, na vizinha cidade de Oliveira. Esse evento se deu por circunstância da festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do distrito. Conforme narrou um correspondente carmelitano:

Realizou-se no dia 8 a festa de Nossa Senhora do Carmo. Nesta localidade, muito concorrida por diversas pessoas dos arraiais vizinhos e desta cidade. Foi celebrada missa solene cantada pelo padre Galdino, acolitado pelos padres José Cerqueira e João Alexandre de Mendonça, procedendo –se em silêncio a benção da nova imagem vinda de Paris.

À tarde, subia a procissão. Fazendo-se ouvir no púlpito ao recolher esta, o Revm. Padre Jose Cerqueira tocaram em toda a festa a banda de música de Itapecerica e Claudio: ambas em fusão e muito aplaudidas. A noite houve espetáculo dos bonecos automáticos do Sr. Apparício e em seguida animado baile.

Foram festeiros os Srs. Manoel Jorge de Matos e Major Jose das Chagas que muito se esmeraram pela festa, por todos os títulos esplendida (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 nov. 1892, p. 2).

Os grupos ambulantes que comercializavam espetáculos, favorecidos pelas facilidades dos vagões ferroviários, tinham a possibilidade de realizar apresentações em várias localidades da região, seguindo a rota dos trilhos e os pontos de embarque e desembarque nas estações. Assim, várias nucleações poderiam entrar na rota de visitações, ampliando, por consequência, as possibilidades de maiores lucros para os artistas. São numerosos os relatos de turnês de companhias artísticas nos periódicos da cidade de Oliveira (cf., por exemplo, GAZETA DE OLIVEIRA, 10 jul. 1892, p. 3; GAZETA DE OLIVEIRA, 10 jul. 1893, p. 3; GAZETA DE OLIVEIRA, 30 dez. 1894, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 26 jun. 1898, p. 1).

A quantidade de notícias e de locais visitados nos permite inferir que era um negócio lucrativo, levando em consideração que nos trajetos entre diferentes cidades, era possível oferecer apresentações em localidades ainda menores. Em certas ocasiões, eram pequenas povoações sem trilhos ferroviários, porém, com proximidade de algum centro com estação da EFOM, o que incrementava ainda mais os divertimentos dos pequenos arraiais dos sertões mineiros. No distrito de Claudio, por exemplo, ainda sem estação ferroviária no final do século XIX, a “genial artista Giulietta Dionesi”, provavelmente desembarcou na Estação de Gonçalves

Ferreira, vizinha do distrito, promovendo na sede claudiense uma pequena série de concertos nos primeiros dias do mês de junho de 1898 (GAZETA DE OLIVEIRA, 12 jun. 1898, p. 1).

Outros grupos ambulantes estiveram em Carmo da Mata na década final do século XIX. Em junho de 1893, por exemplo, o artista Olympio Chagas exibiu, na sede carmense, “as melhores sortes do seu repertório de prestidigitação”. Segundo foi noticiado:

Consta-nos que Olympio Chagas prepara para a próxima semana uma sessão em que exibirá as melhores sortes do seu repertório de prestidigitação.

Já tive a ocasião de apreciá-lo nesse gênero de trabalho e estamos certos de que muito agradará pela muita habilidade e destreza com que executa os seus trabalhos, sendo este um dos melhores gêneros de diversão.

Acresce que essa festa terá um lado humanitário, o Sr. Olympio cede 20% do produto líquido do espetáculo em benefício da Conferência de São Vicente de Paula.

Desejamos que seja bem-sucedido (GAZETA DE OLIVEIRA, 11 jun. 1893, p. 1).

Fato notável é que a presença destes divertimentos ambulantes em Carmo da Mata se dava, em sua grande maioria, simultaneamente às festas religiosas, as quais, como dito no tópico anterior, possibilitava maior fluxo de pessoas na sede distrital, por razão da presença dos moradores rurais. Era importante para os empresários destes divertimentos ambulantes a rentabilidade, assim, escolhia-se os dias de maior movimento, quais sejam, os finais de semanas ou dias de festas de santos católicos. Desta forma, escolhiam o melhor horário, geralmente, após as celebrações católicas, momento em que o público ficava nas proximidades da igreja no Largo da Matriz.

Em janeiro de 1895, por exemplo, “realizou-se no Carmo da Mata a festa do mártir S. Sebastião”. Conforme narrou um correspondente carmelitano, o templo “singelo e elegantemente adornado”, achava-se literalmente cheio. “Era tal a quantidade de fiéis, que se teve de armar o púlpito na rua por não caber na igreja todos que queriam ouvir as palavras inspirada do Revmo. Vigário João Alexandre”.

No intento de aproveitar o grande fluxo de pessoas, a Companhia Equestre Barros & Carvalho montou o seu pavilhão nas imediações do Largo da Matriz:

[...] A concorrência com já dissemos foi enorme e reinou sempre a melhor ordem, a par de grande animação, apesar da chuva impertinente que de vez em quando caia. A Companhia Equestre Barros & Carvalho ofereceu dois espetáculos muito concorridos e depois do fogo, o Sr. Tenente Olympio reuniu em sua casa alguns amigos em uma sorriê íntima e dançou-se até adiantada hora da noite (GAZETA DE OLIVEIRA, 27 jan. 1895, p. 3).

No bojo deste circuito de espetáculos ambulantes que privilegiavam, claramente, os dias de celebrações e festas religiosas, ao que tudo indica as primeiras experiências da população carmense com exibições cinematográficas, tenham ocorrido por intermédio de empresários ambulantes proprietários de aparelhos de projeção.

Pesquisas históricas recentes sobre o comércio lúdico nas localidades adjacentes ao distrito de Carmo da Mata, quais sejam, Oliveira, Divinópolis e Claudio (cf., respectivamente, AMARAL, 2020; AMARAL; ANÍSIO, 2021; AMARAL; DIAS; ANÍSIO, 2022) por meio do cotejamento de jornais e obras de memorialistas, trazem dados significativos da presença de empresários do ramo do cinema ambulante nestas localidades, especialmente a partir dos primeiros anos do século XX.

Em linhas gerais, esses grupos chegavam inicialmente nas cidades de São João del-Rei e Oliveira. Após uma pequena série de exibições, se deslocavam para outras localidades do Oeste mineiro, valendo-se das facilidades da ferrovia, atendendo cidades com estações ou próximas dos trilhos da EFOM. A título de exemplo vale destacar a turnê do empresário do gênero de cinematografia ambulante Sr. Antenor Silva que, em maio de 1906, realizou projeções com seu aparelho no salão baixo da Câmara Municipal de Oliveira e no sobrado do Largo da Matriz de Divinópolis (AMARAL; ANÍSIO, 2021).

É possível inferir sobre a presença de empresários deste ramo de negócios no distrito de Carmo da Mata, em suas excursões pelo Oeste mineiro, dado suas características de visitar um maior número de localidades com vistas a otimizar seus lucros. Ou seja, em sentido mais detalhado:

O negócio de artistas ou companhias de espetáculos itinerantes caracterizava-se, desde o quartel final do século XIX, pelas tentativas de excursionar por um circuito mais ou menos amplo de cidades, explorando comercialmente a oferta dessas atividades para o maior número possível de consumidores (AMARAL; ANÍSIO; DIAS, 2022).

Para além dos grupos artísticos ambulantes, uma tentativa de introduzir práticas de lazer mais modernas em Carmo da Mata se deu pelas elites locais. Em fevereiro de 1898, segundo constam as fontes, foi criado o Clube Recreativo Familiar. O objetivo do clube era oferecer “partidas dançantes” para incrementar divertimentos entendidos naquele contexto como mais civilizados. Para tanto, na partida de estreia, foram distribuídos “elegantes convites” (GAZETA DE OLIVEIRA, 13 fev. 1898, p. 1).

Apesar do empenho em se criar um clube que trouxessem um “distinto divertimento”, a falta de notícias posteriores nos leva a concluir que sua existência foi efêmera, já que um clube, sendo uma novidade nos distritos municipais, enquanto ativo, sempre angariava repercussões dos jornais de Oliveira (cf., por exemplo, GAZETA DE OLIVEIRA, 30 jun. 1889, p.1; GAZETA DE OLIVEIRA, 27 dez. 1896, p. 1; GAZETA DE OLIVEIRA, 25 jul. 1897, p. 1).

Para contornar o fechamento do clube social e a falta de casas de espetáculos, os moradores de Carmo da Mata dependiam da eventual presença de companhias ambulantes para

terem acesso a inovações lúdicas em conformidade com os modismos deflagrados nas principais cidades do país e mesmo do estrangeiro.

Nesse sentido, não por acaso, elogios da elite letrada em notas de jornais, como “digna de concorrência pública” e “importante e atraente espetáculo” precediam as propagandas que noticiavam a vinda de tais companhias (GAZETA DE OLIVEIRA, 20 jan.1895, p. 2). Não poucas vezes, esses grupos ambulantes eram as únicas oportunidades para que os moradores dos rincões mineiros tivessem acesso a este tipo de espetáculo comercial.

### **Considerações finais**

O distrito de Carmo da Mata carecia de incentivos estruturais como coretos, fontes, jardins públicos, clubes sociais ou ainda casas comerciais que pudessem oferecer diversões caracterizadas nos jornais por atributos de progresso comportamental. Por outro lado, longe de ser um lugar sorumbático, Carmo da Mata, com suas festividades tradicionais, apresentava um ambiente lúdico efervescente sintonizado com um amplo calendário litúrgico de comemorações católicas, bem como festas cívicas, domiciliares, inaugurações públicas, ou mesmo o uso exacerbado de bebidas alcoólicas em bares e botequins.

A partir da década de 1900, mudanças estruturais se processaram paulatinamente em Carmo da Mata, especialmente no tocante à uma progressiva recuperação dos setores agropecuários. O aumento produtivo das áreas de plantio e criação de gado se desdobrou no crescimento populacional, melhores ofertas de mão de obra assalariada, substancial salto das arrecadações municipais e investimentos na estruturação urbana e estabelecimentos de comércio.

Tudo isso se tornou ainda mais perceptível na década de 1910, com uma espécie de “boom” produtivo das povoações municipais. Como resultado, o acanhado distrito foi alvo de um esforço modernizador levado adiante pelas elites locais. Os setores do entretenimento, no bojo dessas transformações, foram verdadeiramente impactados com o novo espectro de ambições dos grupos abastados. Essa nova fase que ensejou o surgimento de teatro, cinema, bilhar, clubes dramáticos e esportivos, linha de tiro e jardim particular escapou aos desideratos da atual pesquisa, sendo objeto de análise em outra oportunidade.

## Referências bibliográficas

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. **Lazer, mercado do entretenimento e circuitos futebolísticos nos sertões de Minas Gerais, 1888-1925.** Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; ANÍSIO, Edimar Reni. Cultura modernidade e desenvolvimento econômico: o advento do cinema permanente em Divinópolis, Minas Gerais, 1890-1916. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer.** Belo Horizonte, v.8, n. 3, p. 18-29, set./dez. 2021.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber. Nos trilhos do lazer: entretenimento urbano e mercado de diversões em Divinópolis, Minas Gerais, 1890- 1920. **Revista de História Regional,** Ponta Grossa, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS, Cleber; ANÍSIO, Edimar Reni. História do lazer em Claudio, Minas Gerais, c. 1888-1920. **Revista Movimento,** Porto Alegre, v. 28, p. 1.19, jan./dez. 2022.

AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; XAVIER, Rosana Daniele (org.). **História das diversões no Oeste de Minas Gerais.** São Paulo: Editora Dialética, 2023.

CARVALHO, Lineu de. **Carmo da Mata sua terra, sua gente.** Carmo da Mata/MG, 2018.

CORRÊA, Joyce Nancy da Silva; DIAS, Cleber. Esporte, lazer e cultura no Acre, c. 1907-1920. In: DIAS, Cleber (org.), **Depois da Avenida Central:** cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020, p. 111-151.

CUNHA, Alexandre Mendes. O urbano e o rural em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX. **Cadernos da Escola do Legislativo,** Belo. Horizonte, v. 11, n. 16, p.57-70, 2009.

DIAS, Cleber, et. al. História do futebol em Minas Gerais. **Tempos Gerais,** São João del-Rei, v. 3, n. 2, jan./jun. 2014.

DIAS, Cleber. História e historiografia do lazer. **Recordé,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2018.

HORTA, Regina Duarte. **Noites circenses:** espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

LANNA, Ana Lúcia. O café e o trabalho “livre” em Minas Gerais – 1870/1920. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 6, n. 12, p. 73-88, mar./ago. 1986.

LIMA, Alex Witney. **O jogo de bola em terras mineiras:** uma comparação entre a institucionalização do futebol em Belo Horizonte e São João del-Rei (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. **Ferrovia, sociedade e cultura, 1850-1930.** Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

MELO, Vitor Andrade de (org.). “**Pois temos touros**”: touradas no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

MOTA, Andreza Gonsalez Rodrigues. **Divirta-se quem puder**: história e lazer em Belo Horizonte através da revista Semana Ilustrada, 1927-1928. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

NAKAYAMA, Marina Fernandes Braga. **Divertimentos e tempo livre**: experiências dos trabalhadores em Juiz de Fora (1900-1924). 2016. 148 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Igor Maciel da. **Elas se divertem (Barbacena – MG, 1914 a 1931)**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Luciano Pereira da. **Em nome da modernidade**: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). Tese (Doutorado em Educação). UFMG/FAE, 2012.

SOUZA, José Inácio de Melo. **Imagens do passado**: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Repertórios circenses e ferrovias: um estudo sobre o Oeste de Minas Gerais c. 1890-1920. **Revista Repertório**, Salvador, ano 24, n. 37, p. 240-252, 2021.

XAVIER, Rosana Daniele; AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira; DIAS Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 24, n. 1, p. 135-159, jan./jun. 2019.

## Fontes primárias

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 37, 1896, p. 42.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 52, 1904, p. 56.

AHCRM – Arquivos Históricos da Comarca do Rio das Mortes. Acervo do Fórum de Oliveira. Processos Crime. Loc. 52, 1912, p.

CORREIO DA MANHÃ, 4 mai. 1889, p. 1.

GAZETA DE MINAS, 1 out. 1899, p. 1.

- GAZETA DE MINAS, 13 jan. 1901, p.1.
- GAZETA DE MINAS, 15 fev. 1914, p. 1.
- GAZETA DE MINAS, 15 jul. 1900, p.3.
- GAZETA DE MINAS, 6 set. 1914, p. 2.
- GAZETA DE MINAS, 8 jun. 1902, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 10 abr. 1892, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 10 dez. 1899, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 10 fev. 1889, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 10 jul. 1892, p. 3.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 10 jul. 1893, p. 3.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 11 jun. 1893, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 11 mai.1890, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 11 nov. 1892, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 12 fev.1888, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 12 jun. 1898, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 13 fev. 1898, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 14 mai. 1899, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 15 abr. 1894, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 15 jan. 1888, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 16 nov. 1890, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 17 jul. 1892, p. 1.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 18 mar. 1894, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 20 jan.1895, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 20 mar. 1898, p. 2.
- GAZETA DE OLIVEIRA, 24 ago. 1890, p. 2.

GAZETA DE OLIVEIRA, 25 jul. 1897, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 26 jun. 1898, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 27 dez. 1891, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, 27 dez. 1896, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 27 jan. 1895, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, 29 abr. 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 29 jan. 1899, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 30 dez. 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 30 jun. 1889, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 5 dez. 1888, p. 4.

GAZETA DE OLIVEIRA, 5 fev. 1888, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 6 mai. 1894, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 7 fev. 1897, p. 3.

GAZETA DE OLIVEIRA, 8 abr. 1888, p. 1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 8 mar. 1888, p.1.

GAZETA DE OLIVEIRA, 9 dez.1888, p. 4.

GAZETA DE OLIVIERA, 5 fev. 1888, p. 1.

MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Serviço de Estatística Geral. *Anuário estatístico*: ano I (1921), v. II, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.